

Consirar e entender em português antigo e médio – elementos para um estudo diacrónico

Consirar ‘consider’ and *entender* ‘understand’ in Old and Middle Portuguese – elements for a diachronic approach

Maria Teresa Brocardo

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa (Portugal)

mt.brocardo@fcsb.unl.pt

Recibido o 17/05/2018

Aceptado o 14/10/2018

Resumo

Em português contemporâneo, verbos como *considerar* e *entender* contrastam nos seus usos mais ‘lexicais’, mas aproximam-se no seu funcionamento em construções nas quais são gerados valores caracterizáveis como epistémicos, no sentido em que há uma marcação linguística da validação subjetiva do que é expresso. No presente trabalho pretende-se investigar os fatores que terão determinado, em diacronia, a emergência desses valores, vindo, portanto, a determinar uma convergência (necessariamente não plena) entre *considerar* e *entender* nos seus usos (mais) gramaticais, sempre considerando a oposição ‘lexical’ / ‘gramatical’ como uma oposição não discreta. Tendo em vista este objetivo, apresentam-se e discutem-se dados relativos a *consirar* e *entender* recolhidos em textos dos períodos antigo e médio da história da língua portuguesa (séculos XIII a XV), que foram selecionados em função da datação dos testemunhos, diversidade genológica e fiabilidade das edições. Identificam-se as várias construções em que *consirar* e *entender* ocorrem e assinalam-se diferentes tipos de fatores que aparentemente determinam a possibilidade de leituras epistémicas. Os dados levantados evidenciam diferentes fases do processo de emergência de valores epistémicos entre os dois verbos, mas revelam também, aparentemente, a interferência de fatores contextuais do mesmo tipo na emergência desse tipo de interpretação, o que teria determinado a sua tendencial convergência nos usos epistémicos. Conclui-se com breves notas sobre caminhos a explorar no alargamento futuro da investigação, nomeadamente incluindo outras formas / construções em competição, quer com verbos, como *achar* e *julgar*, que sincronicamente mostram restrições de ocorrência distintas de *considerar* e *entender*, quer com os verbos *haver* e *ter*, que exibem funcionamentos tipicamente mais gramaticalizados, e que no passado da língua podiam também, em diferentes construções, ter valores caracterizáveis como epistémicos.

Palabras chave

Diacronia do português; português antigo e médio; verbos epistémicos; fatores contextuais

Sumario

1. Enquadramento do estudo. 2. *Consirar* e *entender* em português antigo e médio. 2.1. Aspectos metodológicos – delimitação do objeto de estudo, âmbito cronológico e fontes. 2.2. *Consirar*. 2.3. *Entender*. 2.4. Síntese e discussão dos dados. 3. Conclusões.

Abstract

In Contemporary Portuguese, verbs such as *considerar* ‘consider’ and *entender* ‘understand’ contrast in their more ‘lexical’ uses, as opposed to uses where epistemic values emerge, in the sense that there is a linguistic expression of subjective assessment of what is expressed. This paper aims to examine the factors which diachronically determined the emergence of such values and thus the (non-overlapping) convergence of *considerar* and *entender* in (more) ‘grammatical’ uses, bearing in mind that the opposition ‘lexical’ / ‘grammatical’ should be understood as non-discrete. The data of Old and Middle Portuguese (13th to 15th centuries) *consirar* and *entender* which are presented and discussed were collected according to evidence dating criteria, text genre diversity and the reliability of the editions. The various constructions using *consirar* and *entender* are described and the distinct factors enabling epistemic readings are identified. The data shows that the processes of emergence of epistemic values of the two verbs are at different stages, but also appears to evidence the interference of similar contextual factors for the possibility of epistemic interpretations, thus leading to their convergence in epistemic uses. The paper concludes by pointing out some issues for future research, in particular the need to include other competing forms/constructions, not only with verbs such as *achar* ‘find’ and *julgar* ‘judge’, which synchronically show different usage restrictions, but also *haver* and *ter* ‘have’, since the latter could also occur with epistemic meanings in past stages of Portuguese.

Keywords

Diachrony of Portuguese; Old and Middle Portuguese; epistemic verbs; contextual factors.

Contents

1. Framework of the study. 2. *Consirar* ‘consider’ and *entender* ‘understand’ in Old and Middle Portuguese. 2.1. Methodological issues – Delimitation of the study object, chronological scope and sources. 2.2. *Consirar*. 2.3. *Entender*. 2.4. Data synthesis and discussion. 3. Conclusions.

1. Enquadramento do estudo

VERBOS como *considerar* e *entender* manifestam, naturalmente como muitas outras formas, em português contemporâneo, uma característica inerentemente associada ao funcionamento da linguagem, que é a de poderem exprimir, em diferentes contextos, diferentes significados ou valores, uma característica usualmente referida como polissemia.

No caso de *considerar*, os usos aparentemente mais frequentes correspondem aos atestados em exemplos como:

- (1) Em primeiro lugar, a autora **considera** apenas o caso português, sem ter minimamente em conta as tendências evolutivas no conjunto dos países europeus. [CETEMPúblico *par=ext1175926-clt-94a-2*]
- (2) A situação chegou a um ponto tal que, após eu ter alertado, sem sucesso, a Polícia, **considerarei** a hipótese de mudar de casa. [CETEMPúblico *par=ext-560102-nd-91a-2*]
- (3) R. – Algumas pessoas com quem **considerarei** escrever uma ópera morreram – por exemplo Jean Genet. [CETEMPúblico *par=ext536972-clt-97a-1*]
- (4) Mas **considerarei** e **considero** inadmissível a precipitação com que foi assinado o acordo sobre a Comunidade [CETEMPúblico. *par=ext540843-pol-91b-2*]
- (5) Sempre **considerarei** que o meu trabalho, ou melhor, o meu dever, é o de entrar no campo e de dar o melhor de mim mesmo. [CETEMPúblico *par=ext582594-des-95b-2*]
- (6) Eu próprio, perante uma situação absurda (**considerarei** eu), fui para a parada e mandei alto ao fogo. [CETEMPúblico *par=ext335273-nd-95b-2*]

Nos exemplos 1 a 3, numa estrutura transitiva, encontramos um valor parafraseável por ‘ter em conta, pensar / refletir (em /sobre) alguma coisa’. Já no exemplo 4, numa estrutura transitiva predicativa, e no exemplo 5, introduzindo uma completiva, bem como em 6, numa construção parentética, *considerar* marca linguisticamente uma expressão da validação, por parte do sujeito, do que é expresso. Veja-se que simples afirmações como, respetivamente, (4a) *é inadmissível a precipitação [...]* ou (5a) *o meu trabalho, ou melhor, o meu dever, é o de entrar no campo*, teriam valores diferentes. Ainda que a interpretação das proposições ‘a precipitação ser inadmissível’ e ‘o meu dever ser o de entrar em campo’ seja a mesma, não há marcação linguística de que essa proposição é subjetivamente validada, ou seja, de que a ‘verdade’ da proposição decorre de uma avaliação subjetiva, que exprime a posição ou opinião do sujeito.

Qualquer dicionário da língua regista, de algum modo, estas diferentes ‘ações’ de *considerar*, e acrescenta-lhes ainda uma outra, ‘olhar(-se), fitar(-se) com atenção e minúcia’ (Houaiss & Villar 2009), aparentemente menos frequentemente atestada nos usos contemporâneos:

(7) [D]o torreão, o astrólogo **considerava** os astros. [Houaiss & Villar 2009]¹

Usando o conceito de polissemia para descrever este tipo de fenómeno, poderemos muito fácil e intuitivamente reconhecer a relação entre diferentes significados ou valores (‘aceções’ na terminologia lexicográfica), diferentes mas relacionados, “where there is some significant overlap in semantic content between the meanings”, na formulação de Enfield (2006: 297)².

No caso de *entender*, encontramos usos atestados que evidenciam também diferentes funcionamentos, como nos exemplos:

(8) Isto é uma história muito confusa que eu nunca **entendi**. [CETEMPúblico. *par=ext120879-nd-91a-1*]

(9) Não **entendo** este projecto como um projecto do Porto: penso que é de dimensão nacional. [CETEMPúblico. *par=ext41490-clt-98b-1*]

(10) Ao contrário do que por vezes se defende, **entendo** que valores como o respeito pela vida humana são valores universais, não são apenas valores que o Ocidente tenta impor ao Mundo. [CETEMPúblico *par=ext25491-soc-98a-2*]

Os exemplos 4 a 6, para *considerar*, e 9 e 10, para *entender*, atestam um funcionamento em que há claramente uma proximidade entre os dois verbos, embora isso não signifique, de modo algum, que sejam intersubstituíveis. Em estruturas de complementação do tipo das exemplificadas em 5 e 10, os predicados que introduzem a completiva, com verbos do inglês como *believe*, *think*, *suppose*, *assume* são referidos como ‘predicados de atitude proposicional’ (‘propositional attitude predicates’, Noonan 2007: 74), enquanto Raposo (2013: 1346) se refere a verbos do português como *considerar*, *achar*, *julgar*, em estruturas transitivas predicativas (cf. 4 e 9), como ‘verbos de crença’.

1. Houaiss & Villar (2009) refere ainda uma outra aceção, em estruturas transitivas, “ter em alta conta; respeitar”, dando o exemplo [*T*]odos a *consideram muito*, tipo de aceção referido também por Raposo (2013: 1346, nota 92), mas sem exemplificação.

2. A associação, a uma mesma forma, de diferentes significados ou valores tem sido tratada, em diferentes abordagens, como polissemia ou homonímia. Apenas a primeira alternativa, porém, parece adequada quando os significados ou valores em causa, sendo diferentes, em maior ou menor grau, estão de algum modo relacionados, ou se sobrepõem parcialmente, como referido na formulação de Enfield (2006) acima. Este aspeto é discutido, por exemplo, em Hopper & Traugott (2003: 77-78), mostrando os autores que, além da relação diacrónica que pode ser estabelecida entre os diferentes valores de uma mesma forma (nomeadamente através de processos metafóricos e / ou metonímicos, ver, por exemplo, Hopper & Traugott 2003: 84-92, há também sustentação do conceito de polissemia em abordagens interlinguísticas que evidenciam a ocorrência, em diferentes línguas, da expressão do mesmo tipo de (vários) valores a partir de uma mesma forma, o que permite de forma clara distinguir casos de polissemia de casos de homonímia.

No que respeita especificamente a *considerar* e *entender* em português, note-se, porém, que, em contraste com verbos como *achar*, *julgar*, *pensar* se verifica que a sua ocorrência está restringida de modo diferente. Assim, se podem comutar em ocorrências do tipo exemplificado em (11a), embora eventualmente os valores marcados sejam diferenciados em termos de interpretação, parecem não poder ocorrer em frases do tipo (11b) (exemplos construídos):

(11a) Considero / entendo / acho / julgo / penso que o João agiu bem (é inteligente / boa pessoa...)

(11b)*Considero / * entendo/ acho / julgo / penso que o João saiu (é médico...)

Ou seja, aparentemente, *considerar* e *entender* exprimem uma validação subjetiva em relação ao conteúdo proposicional da oração completiva mas não, como os outros verbos exemplificados, em diferentes contextos, em relação à possibilidade / probabilidade ou não certeza relativamente ao que é expresso na completiva. Assim, uma hipotética sequência *Considero que o João é médico* seria apenas possível com uma interpretação diferente, não sobre a probabilidade / possibilidade de 'o João ser médico', mas como afirmação de um outro valor, em que 'o João ser médico' é marcado como decorrendo de uma avaliação subjetiva, como nas frases do tipo (11a) (por exemplo, *Considero que o João é médico, apesar de ele não ter um diploma*).

O funcionamento de *considerar* e *entender* é, assim, caracterizável como modal-epistémico³ no sentido em que em ambos os casos há uma expressão, linguisticamente marcada, da atitude ou posição do sujeito, que é, no caso destes dois verbos, de comprometimento, face ao que é expresso. Entende-se aqui epistematicidade, portanto, como estreitamente associada a subjetificação, assumindo que os valores epistémicos são gerados pela marcação de uma avaliação subjetiva da proposição (ver a discussão e referências a esta ligação em, por exemplo, Ziegeler 2011: 600). Decorre, assim, dessa marcação de subjetividade a possibilidade de leitura dos enunciados como exprimindo a posição do sujeito face ao que é expresso e não simplesmente a sua afirmação, gerando-se leituras em que se infere que é a posição do sujeito que é afirmada, o seu pensamento ou crença sobre um dado estado de coisas.

Na área de estudos de gramaticalização, e noutras perspetivas, mais geralmente, sobre mudança semântica, tem-se defendido generalizações que preveem que relações de polissemia / polifuncionalidade reconhecíveis e observáveis em sincronia se relacionam com e decorrem de relações diacrónicas de derivação. Isto será consequência de uma 'regularidade' da mudança semântica, na linha do enunciado por Traugott

3. Noonan (2007: 87) inclui explicitamente os predicados de atitude proposicional nos predicados modais que exprimem modalidade epistémica. Veja-se também, por exemplo, para o espanhol, De Saeger (2007), que trata os 'verbos de actitud proposicional' *creer* e *pensar*, descrevendo os seus diferentes usos e discutindo a sua caracterização em termos da expressão de evidencialidade, numa aceção lata, ou modalidade epistémica.

(1989: 31): “The evidence is substantial that the process of semantic change outlined for the semantics of grammaticalization belongs to a larger set of crosslinguistic processes of semantic change that are in general quite regular”. Estas generalizações de algum modo invocam também uma unidirecionalidade dos processos diacrónicos de mudança semântica, quer no domínio lexical quer gramatical. Na mesma linha, a ‘regularidade’ da mudança semântica permitiria formular hipóteses preditivas, “hypotheses that can be tested against historical data” (Traugott 1989: 31)⁴.

É este tipo de desafio que pretendo de algum modo assumir, procurando perceber se a descrição e análise de dados da diacronia de verbos como *considerar* e *entender* poderão vir a sustentar generalizações como as formuladas e de que modo esses dados permitirão compreender de forma mais detalhada, especificamente para o português, o percurso diacrónico das formas / construções em que se geram ou vêm a gerar-se leituras epistémicas.

Uma das questões a discutir neste contexto é se a emergência de valores epistémicos, partindo do princípio de que essa emergência terá ocorrido, no percurso diacrónico da língua, a partir de uma mudança inovadora, configura uma mudança caracterizável como sendo do domínio estritamente lexical ou se se poderia aqui considerar um processo de gramaticalização. Para dar substância a este tipo de discussão, teria de ter-se em conta o próprio ‘estatuto’ dos epistémicos. Em Oliveira & Mendes (2013: 625-626), os verbos que exprimem valores modais são, em sincronia, caracterizados distintamente como “verbos modais”, considerados semiauxiliares, e “verbos plenos que veiculam valores modais”, dentro dos quais se incluem os epistémicos, sendo os primeiros de inventário fechado (são sobretudo referidos *dever* e *poder*) e os segundos representados apenas por alguns exemplos. Os epistémicos descritos nesta secção da *Gramática* são apenas *saber* e *crer*, mas é explicitado que se pretende uma representatividade, não a exaustividade (Oliveira & Mendes 2013: 659), e são também referidos outros, em diferentes pontos, como *achar*, *julgar*, *considerar*, *pensar*, *calcular*, *imaginar*.

Nesta perspetiva, uma questão a discutir é se seria apropriado considerar que o processo de emergência desses valores, ainda que não culmine numa ‘(semi)auxiliarização’, configura a emergência de um valor caracterizável como (mais) ‘gramatical’. Percorrendo algumas propostas sobre o português (europeu) inseridas neste âmbito de estudos e com temáticas mais próximas, encontramos sobretudo as de José Pinto

4. A unidirecionalidade é, como se sabe, um princípio forte destas áreas de estudo que tem sido muito discutido. Por exemplo, Smirnova (2012) defende que a subjetificação é uma mudança ‘purementemente’ semântica, e que não é unidirecional. Não caberia neste trabalho, de objetivos mais descritivos, este tipo de discussão, que é teórica, mas ainda assim, os ‘testes’ propostos por aquela autora não parecem ser os mais adequados para aferir a validade do princípio. Para Lehmann (2005: 166) “Grammaticalization is unidirectional in the sense that changes that go in the opposite direction of grammaticalization are observed very rarely”, uma generalização que é empiricamente sustentada por muitos estudos desta área.

de Lima que tratam os verbos *parecer* (Pinto de Lima 2014a), *ameaçar* (Pinto de Lima 2014b) e *prometer* (Pinto de Lima 2014c), e nas quais o autor assume claramente que a emergência de funcionamentos epistémicos⁵ corresponde a processos de gramaticalização⁶.

No trabalho agora proposto assumirei que a oposição ‘lexical’ / ‘gramatical’ é uma oposição não discreta, na formulação de Cornillie & Pietandrea (2012: 4), generalizando sobre a posição de Squartini (2007), entre outros: “lexical markers form a continuum with grammatical modal markers along a grammaticalization path”. Adoto, portanto, “the idea of a continuum [of grammar and lexicon] argued for in the studies on grammaticalization of the last twenty years” (Cornillie 2007: 110).

Voltando a *considerar* e *entender*, em português contemporâneo, note-se que o mesmo tipo de proximidade, observado para os usos epistémicos destes verbos, não se verifica, porém, noutros usos, hipoteticamente correspondentes a valores de que terão derivado os valores epistémicos, ou seja, valores comparativamente (mais) lexicais, como, para *considerar*, ‘observar, tomar em conta’, e, para *entender*, ‘compreender’, que em ambos os casos se atestam em estruturas transitivas. Teremos, portanto, sempre como hipótese a testar em diacronia, a emergência de usos epistémicos, o ‘alvo’ dos processos, a partir de diferentes ‘fontes’ (usando aqui estas designações na aceção de, por exemplo, Heine & Kuteva 2002), o que é recorrentemente observado na bibliografia (ver, por exemplo, Heine 2003: 591; Hopper & Traugott 2003: 115). Nestas circunstâncias, ocorreria, neste tipo de processo, uma convergência, prevendo-se que os usos mais gramaticais com origem em diferentes fontes possam manifestar fenómenos de persistência, de que decorrem restrições condicionadas pela sua fonte (mais) lexical, e que se poderão evidenciar em diferenças de funcionamento, não havendo, assim, uma convergência plena de formas diferentes nos seus usos (mais) gramaticais.

5. O autor designa estes verbos como “verbos de evidencialidade”, mas discute também se evidencialidade e modalidade epistémica são categorias diferentes ou não (Pinto de Lima 2014c: 141-146), uma discussão que não considero aqui por não ser relevante para o tratamento dos verbos em estudo.

6. Construções com verbos do tipo de *ameaçar* e *prometer*, em diferentes línguas, foram tratadas em muitos trabalhos, focando diferentes aspetos do processo, sincrónica e diacronicamente, como referido por Cornillie & Huerta (2015: 189). Estes autores, porém, propõem uma análise um tanto diferente (relativamente à de Pinto de Lima 2014b antes referida) para o espanhol *amenazar*, mas ainda assim defendendo que se trata de um processo de gramaticalização, que teria sido induzido por contacto com tradições textuais humanistas de base latina. Embora com uma análise também diferente da de Pinto de Lima (2014a), diferentes construções com *parecer* em espanhol são também tratadas em termos de gramaticalização por Cornillie (2007). Para o português (do Brasil), alguns trabalhos que tratam *achar*, um verbo com funcionamento mais próximo dos que aqui pretendo estudar, incluem Santos, Fonseca & Pereira (2013), que consideram que *achar*, ao adquirir um funcionamento de “verbo modal-epistémico”, sofreu um processo de gramaticalização, na linha do assumido antes por Casseb-Galvão (1999) e Freitag (2003), neste último caso sobre as construções *acho (que)* e *parece (que)* numa variedade brasileira. Também Votre (2004) inclui a “trajetória de *achar*” entre outras “trajetórias de gramaticalização”.

Atentando na polifuncionalidade deste tipo de formas observável em sincronia (por vezes referido como “layering”, Hopper & Traugott 2003: 124-126, entre outros), pode constatar-se que os diferentes valores – os valores mais lexicais, ou não modais-não epistémicos, por um lado, e epistémicos, por outro – se constroem em diferentes estruturas, o que desde logo leva a colocar a tónica no processo sofrido por uma forma, numa dada construção⁷. À partida, os verbos em estudo, entre outros, contrastam nos diferentes usos, simplifadamente, entre estruturas transitivas com um sintagma nominal como complemento, no primeiro caso, e, no segundo, estruturas em que estes verbos introduzem uma oração completiva (*considerar / entender que*) e estruturas transitivas predicativas, notando Raposo (2013: 1346) que “a sequência formada pelo complemento direto e pelo constituinte predicativo é equivalente a uma oração copulativa”, assim se evidenciando a relação entre os dois tipos de estruturas (*O Rui considera a Ana pouco esperta. / O Rui considera que a Ana é pouco esperta.*, exemplos do autor). O trabalho que aqui proponho, enquanto possível contribuição para um conhecimento mais aprofundado de dados das fases antigas da história da língua portuguesa, começará justamente por aferir que construções com os verbos em estudo se atestam nessas fases. Os objetivos são de natureza essencialmente descritiva, ainda que a descrição tenha necessariamente de estar ancorada no enquadramento teórico adequado, que, dada a temática em causa, se inscreve na área dos estudos sobre gramaticalização, como procurei argumentar ao longo desta secção. Visei assim apresentar o enquadramento dos dados a partir do português (europeu) contemporâneo, traçando um percurso que parte da sincronia atual para a diacronia.

2. *Consirar* e *entender* em português antigo e médio

2.1. Aspectos metodológicos – delimitação do objeto de estudo, âmbito cronológico e fontes

Neste trabalho apresento dados dos séculos XIII a XV – abrangendo os períodos antigo e médio (na periodização de Lindley Cintra, inédito, ver Castro 1999) – com o objetivo específico de procurar identificar os funcionamentos dos verbos *consirar*⁸ e *entender* nos períodos mais recuados da história da língua portuguesa.

7. Uso, recorrentemente, o termo ‘construção’ num sentido de algum modo pré-teórico, na linha do referido por Traugott (2003: 625), não na aceção em que o termo é usado na chamada gramática de construções (ver, por exemplo, Traugott & Trousdale 2013: 3). Ainda assim, ao referir uma dada construção, isso pressupõe desde logo a tentativa de delimitar um dado tipo de unidade ou estrutura que se revela pertinente para a identificação de um dado tipo de funcionamento de uma dada forma, associado à construção de um dado valor.

8. Ou *consiirar*, além de outras variantes gráficas, em que estará ainda eventualmente representado o

A seleção destes dois verbos, de entre outras possíveis alternativas, para o presente estudo relaciona-se com diferentes ordens de razões. Em primeiro lugar, naturalmente, a necessidade de limitar os objetos de estudo, de forma a evitar uma dimensão excessiva do texto e, sobretudo, uma indesejável dispersão na recolha, tratamento e análise de um conjunto mais alargado de dados, o que se prende com opções metodológicas, a que me refiro mais adiante também a propósito do corpus. Mas um outro tipo de razão condicionou igualmente a seleção dos objetos deste trabalho. Num estudo muito preliminar sobre verbos plenos com valor epistémico em documentos notariais portugueses do século XIII (Brocardo 2017), descrevi ocorrências dos verbos *achar*, *consiirar*, *creer*, *entender*, *juigar* / *julgar*, procurando sobretudo aferir se evidenciavam ou não um funcionamento caracterizável como modal-epistémico. No conjunto, bastante limitado, de fontes pesquisadas, constatei a representação muito pouco expressiva de *consiirar*, em contraste com a atestação bastante significativa de *entender*, em diferentes estruturas. Mas apesar da pouquíssima representação de *consiirar*, este ocorre, tal como *entender*, numa estrutura com preposição (*consiirar* / *entender* a seguido de infinitivo), de leitura ambígua. Em suma, acabaram por pesar na escolha dos dois verbos, quer contrastes, quer (aparentes) semelhanças que me interessaria também aferir e explorar. Apesar do seu âmbito restrito, quer em termos cronológicos quer quanto à tipologia das fontes usadas, esta investigação preliminar tornou também patente a necessidade de desenvolver trabalhos com um foco mais limitado, em termos dos objetos de estudo, de modo a poder empreender análises mais finas e, tanto quanto possível, rigorosas. No mesmo sentido, o âmbito cronológico do estudo cinge-se aos períodos referidos de forma a não multiplicar os dados em análise para além do que seria razoável tratar de forma adequada dentro dos limites de um trabalho desta natureza.

Os dados foram recolhidos a partir de pesquisas exaustivas de um conjunto de testemunhos de textos portugueses datados ou datáveis no referido âmbito cronológico. Privilegiando, como exigia a temática deste estudo, uma análise atenta de todas as ocorrências levantadas, cuja interpretação por vezes, como terei ocasião de ir referindo, levantava dúvidas, optei por trabalhar sobre um corpus não muito extenso. Além de textos conservados em originais, o que só acontece com os documentos notariais, foram selecionados textos conservados em testemunhos datados ou datáveis dentro do referido período, o que levou, portanto, a excluir à partida textos conservados apenas em testemunhos tardios, com datas de cópia demasiado afastadas da data suposta da sua redação original. Procurei também selecionar edições fiáveis, nomeadamente aquelas que foram realizadas com fins linguísticos. Dentro das limitações impostas pela escassa e pouco variada documentação remanescente do período antigo, especialmente do século XIII, tentei, ainda assim, abranger um conjunto razoavelmente

hiato. Para referir genericamente os paradigmas verbais uso aqui, simplificadamente, as formas *consiirar* e *entender*.

diversificado de fontes, em função dos géneros textuais em que se inserem, dado que, como tenho procurado argumentar em trabalhos anteriores (por exemplo, Brocardo 2014), as especificidades inerentes a diferentes géneros textuais necessariamente condicionam, propiciando ou restringindo, a ocorrência de formas e construções e também, eventualmente, o seu funcionamento. Este tipo de critérios visou, em suma, o levantamento de um conjunto ‘tratável’ de dados, passível de descrições que decorrem, tanto quanto possível, da análise do funcionamento de todas e cada uma das ocorrências das formas em estudo, nos contextos relevantes. Assumo, portanto, aqui uma opção metodológica, que tem guiado de um modo geral os meus trabalhos sobre a diacronia do português, que privilegia análises qualitativas em detrimento de análises estrita ou predominantemente quantitativas. Ainda assim, de modo a propiciar uma perspetiva geral das dimensões do corpus e dos testemunhos estudados, apresento, depois da identificação dos testemunhos usados como fontes (na listagem abaixo), uma tabela com dados quantitativos (tabela 1), em que simplesmente registei totais de palavras (por século e testemunho) e números de ocorrências das formas dos verbos que são objeto deste trabalho, cuja descrição será objeto das secções seguintes.

Identificação dos Testemunhos (as referências completas das edições são dadas no fim do artigo, ordenadas alfabeticamente pelas siglas usadas para a sua identificação)

Documentos régios (de chancelaria)

CAIII = *Documentos em português da Chancelaria de Afonso III* (século XIII)

Documentos notariais

DPNRL = *Documentos portugueses do Noroeste e da Região de Lisboa* (séculos XIII, XIV e XV)

Leis locais (foros e costumes)

FG = *Foros de Garvão* (séculos XIII e XIV)

CS = *Costumes de Santarém* (séculos XIII e XIV)

Textos de carácter jurídico

FD = *Flores de Dereyto* (século XIII)

FR = *Foro Real* (século XIII)

PP = *Primeyra Partida* (século XIV)

Nobiliário

LLCP = *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro* [fragmento da Biblioteca da Ajuda] (século XIV)

Texto de regra monástica

RSB = *Regra de S. Bento* [Alc. 231] (século XV)

Texto de carácter historiográfico (crónica)

ZCPM = *Crónica do Conde D. Pedro de Meneses* de Gomes Eanes de Zurara [Manuscrito 439 da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra] (século XV)

	CORPUS		TESTEMUNHOS				
	Total de palavras	Ocorrências de <i>consirar</i>	Ocorrências de <i>entender</i>	Total de palavras	Ocorrências de <i>consirar</i>	Ocorrências de <i>entender</i>	
Século XIII	118437	1	41	CAIII	17629		6
				DPNRL	27129	1	4
				FG	6536		2
				CS	5450		
				FD	11972		9
				FR	49721		20
Século XIV	278201	6	205	DPNRL	44799	5	4
				FG	675		
				CS	30829		4
				PP	170138	1	192
				LLCP	31760		5
Século XV	198403	55	103	DPNRL	39640	14	7
				RSB	24064	11	18
				ZCPM	134699	30	78
Totais	595041	62	352				

Tabela 1. Totais de palavras e número de ocorrências de *consirar* e *entender* no corpus e nos testemunhos, por séculos

Nas secções seguintes começarei por apresentar, para cada um dos verbos estudados, uma tabela *síntese em que identifico, de forma simplificada, as construções em que os mesmos ocorrem, caracterizando o seu funcionamento e procurando, com recurso a glosas,*⁹ definir os valores interpretáveis para as ocorrências levantadas nos testemunhos, que são identificados pelas siglas já referidas, e com a respetiva contabilização de ocorrências. Para cada um dos diferentes funcionamentos apresento um exemplo selecionado de entre as atestações assinaladas no corpus. Quanto aos dados quantitativos, estes devem ser sempre muito relativizados, em função do que observei acima e ainda atendo na desigual representatividade das fontes, quer em termos quantitativos quer de diversidade genológica, nos três séculos. Mesmo a totalidade da documentação conservada (e conhecida) para uma dada época do passado é apenas a documentação ‘remanescente’, apenas, portanto, uma parte, de valor dificilmente quantificável com alguma aproximação relativamente à totalidade da documentação originalmente pro-

9. Nos quadros uso as seguintes abreviaturas: SA = sintagma adjetival; ADV = adverbial; INF = infinitivo/a; SN = sintagma nominal. Uso a abreviatura *ad hoc* ME para assinalar o que considero corresponder a um funcionamento caracterizável como ‘modal-epistémico’, no sentido referido na secção 1.

duzida, especialmente para as épocas mais remotas. Deverão, portanto, considerar-se os dados quantitativos apresentados como mera quantificação de ocorrências, que não se relaciona de forma linear com dados sobre frequência de uso ou produtividade, podendo eventualmente apontar pistas para aspetos da diacronia dos verbos, mas não podendo constituir, por si só, sustentação de generalizações absolutas sobre o seu percurso histórico.

Os dados exemplificados, descritos e analisados nas secções seguintes correspondem necessariamente apenas a uma parte das atestações levantadas, tendo-se procurado selecionar os exemplos mais representativos, bem como discutir a interpretação de ocorrências de leitura duvidosa ou ambígua.

2.2. Consirar

Construções – ‘glosas’ exemplos	Número de ocorrências por século / testemunho ¹⁰		
	XIII	XIV	XV
Construções com valor não modal-não epistémico			
<i>consirar</i> + SN – ‘atentar em / ter em conta’ Peró o _Abbate sempre consiire aquella sentença dos autos dos apóstolos. na <i>qual</i> diz. <i>que</i> [RSB]		6 DPNRL 5; PP 1	21 DPNRL 10; RSB 7; ZCPM 4
<i>consirar em</i> + SN – ‘pensar (em) / considerar- -ter em conta’ E se a necessidade do logar. ou [...] seja en alvidro do prior. consiirando en todalas cousas [RSB]			2 RSB (1+1?)
<i>consirar como</i> + completiva – ‘considerar-ter em conta’ fazemos saber <i>que</i> Consijrando nos Como a egreia de santjago da carualhosa. [...] he mjnguada. [...] Porem de consentjmento. do nosso Cabidoo hunjmós E anexamos. <i>pera</i> senpre a <i>dícta</i> egreia [...] ao <i>dícto</i> <i>Mosteiro</i> de vilarinho [DPNRL 1450]			2 DPNRL 1; ZCPM 1?
<i>consirar quem / quanta</i> + completiva – ‘pensar em / ter em conta’ comsyramdo ho comde e allgüs senbores e cavaleiros que com elle sō quamta bôdade em vos há [ZCPM]			3 ZCPM

10. Nesta coluna são assinaladas ‘?’ as ocorrências de interpretação duvidosa e ‘*’ uma forma assinalada na edição do testemunho como de leitura duvidosa.

<i>consirar que</i> + completiva – ‘considerar-ter em conta’	8
Mas <i>e</i> esses enfermos consiirem ben. <i>que</i> por honra <i>e</i> amor de <i>deus</i> . os <i>servem</i> . [RSB]	6
Construções com valor modal-epistémico	
<i>consirar</i> + completiva INF – ‘considerar-ME’	4
E ueendo E consíjrando seer serujço de <i>deus</i> prol [...] ellas Enprazauã como logo de fecto Enprazaram [DPNRL 1472]	DPNRL 3; ZCPM 1
<i>consirar como</i> + completiva – ‘considerar-ME’	3
E os mouros, conheçemdo como na torre que Joham Preto sohia ter nõ estava gemte [...] a quall o comde dally mamdara tyrar comsyramdo como se nõ poderia mamter a força dos mouros se muitos viessem [ZCPM]	ZCPM
<i>consirar que</i> + completiva – ‘considerar-ME’	9
tanto que ell rrey partio, logo o <i>comde</i> comsyrou que nõ soomemte lhe comvinha ter bos cavalos [...] mas aynda navios [ZCPM]	ZCPM
<i>consirar de</i> + INF – ‘considerar-ME’	1
Por ã, conheçemdo eu quamto isto hera neçessario amtre vos outros, comsyrey de vos leixar aqui tall pessoa de que me emtemdesse neste melhor servir [ZCPM]	ZCPM
<i>consirar</i> + ADV – ‘considerar-ME’	2
E por çerto que eu nom me quero gabar desta comsyração, amtes digo que comsyrava muyto pello comtrayro [ZCPM]	ZCPM
Construções de leitura ambígua	
<i>consirar a</i> + INF – leitura ambígua: valor de intenção / fim ou ‘consirar-ME’ [v. exemplo 12]	1* DPNRL

Tabela 2. Ocorrências de *consirar*

Como se pode facilmente constatar, a quantificação de ocorrências é muito pouco significativa, tornando-se relativamente expressiva apenas nos testemunhos do século xv, com 56 das 62 ocorrências assinaladas no corpus. Note-se também que a maior expressividade numérica diz respeito à *Crónica do Conde D. Pedro de Meneses* de Gomes Eanes de Zurara (30 ocorrências), um longo texto historiográfico, cujos tipos de discurso, bastante diversificados, naturalmente propiciam mais contextos de ocorrência de diferentes formas e construções, o que enfatiza também a relevância a atribuir à especificidade genológica dos testemunhos na interpretação dos dados quantitativos.

Mas é de referir também um outro aspeto que, no mesmo sentido, deverá ser tido em conta como contraponto à estrita contabilização de ocorrências. A forma atual do verbo – *considerar* – terá sido restituída de acordo com o modelo do étimo latino, mas no corpus estudado é sempre a forma herdada – *consirar* – que ocorre, facto que pode ser significativo se assumirmos que se evidencia na alteração da sua estrutura morfológica¹¹ um uso continuado desde a origem latina, que não é patente, porém, na baixa frequência de ocorrência do verbo nos testemunhos escritos remanescentes.

No século XIII, assinalei uma única ocorrência, que ainda mais corresponde a forma assinalada como de leitura duvidosa na edição, e justamente em coordenação com uma forma de *entender*, ambas no particípio presente (forma que, como se sabe, virá a cair em desuso em português):

(12) Sabham todos *que* eu. dona. Esteuẽyna *prioressa*. do mosteyro dachellas. eu *Maria*. sauaschaez. *soprioressa dese logo ãsenbra cõno cõuẽto dese logo. ãten-*
dentes e cõsijrantes. /?/ a ffazer prol do dito mosteyro damos *e* outorgamos
[DPNRL 1297]

A interpretação parece-me ambígua, entre um valor de intenção / fim e um valor modal-epistémico. O facto de não ter assinalado nenhuma outra ocorrência de *consirar* com valor de intenção e de as ocorrências do mesmo verbo de valor modal só se registarem em construções diferentes, e já no século XV, parece indiciar que o valor passível de ser interpretado corresponde apenas a *entender*, não sendo possível especular sobre o funcionamento do verbo *consirar* neste tipo de construção, com preposição e infinitivo, a partir desta única ocorrência¹².

Assumindo que o valor (mais) lexical original do verbo, que é geralmente indicado como valor do étimo latino, corresponderia a “examinar (considerar) atentamente, observar” (por exemplo, Machado 1987⁴), é de facto este o tipo de valor que parece ser inferível da maioria das atestações levantadas no conjunto dos testemunhos (42 ocorrências). O objeto do verbo tem, porém, como referente uma entidade de carácter mais abstrato, não se atestando nunca uma construção em que esse referente seja uma entidade ‘física’ observável em sentido literal (do tipo, por exemplo, do que é

11. CONSIDERARE > *consiirar*. Na *Crónica do Conde D. Pedro de Meneses* de Gomes Eanes de Zurara ocorre a forma *comsyderadas*, com uso adjetival, mas na mesma sequência textual ocorre o deverbal *comsyração*, o que pode ser significativo em termos da persistência da forma herdada *consirar*. Machado (1987⁴) dá como data da atestação de *considerar* 1534, indicando que a “divergente” chegou ao século XVI. O DVPM, porém, cita algumas formas de *considerar* já no século XV, mas ainda minoritárias em relação à forma herdada (e que poderão nalguns casos corresponder a textos do século XV mas com testemunhos posteriores).

12. Machado (1987⁴) refere uma ocorrência, de 1274, de uma forma idêntica, *consijrantes*, que refere como “derivado”, também, no entanto, em coordenação com idêntica forma de *entender*, e também em sequência de interpretação não muito clara.

citado de Houaiss / Villar 2009, no exemplo 7 do ponto 1), e isto no conjunto das atestações levantadas. No século XIV a representação é ainda pouco expressiva e pouco diversificados os SNs que ocorrem como complemento de *consirar*, correspondendo sempre a SNs como *ajuda, prol, serviço de Deus*, como se exemplifica em 2 a 4, exceto na única ocorrência registada na *Primeyra Partida* (16) – dado bastante significativo, por se tratar de texto de extensão muito considerável – em que ocorre *estas cousas*, com retoma anafórica de vários aspetos referidos antes na sequência textual, mas que não remetem também, em termos de referência, para entidades físicas observáveis em sentido literal.

- (13) *veëdo e conssi' rando muyto bem e Aiuda e deffendimêto que me ffez Johãe Anes Cõoigo do Monsteiro de vilarão meu primo cuyrmão. Porende de mha bõa liure uoõtade e sen nêhũu outro constrengimêto dou* [DPNRL 1328]
- (14) *véendo e consyrando prol e õrra e Acreçentamêto do dito Moesteyro, e porque nõ podíamos auer prol* [DPNRL 1333]
- (15) *e sse preima nê enduzimêto nêhũu. mais conssi' rando seruíço de deus. E prol e onrra de margarida martijz.* [DPNRL 1339]
- (16) *Pero o sseu julgador deue catar qual he a pessoa daquel que o enpraza \$ e outrossy a do morto a que fezerá desonrra. E sse vir que he muyto aquelo que demanda consijrado estas cousas deueo elle estimar ssegundo sseu aluydro e dessy mandar aaquel que o manda* [PP]

Só no século XV aumentam significativamente as ocorrências do verbo, como antes foi referido, e se diversificam as construções em que se atesta.

A ocorrência em construções em que o objeto do verbo é uma oração completiva parece fator relevante para a emergência de leituras epistémicas. Veja-se o exemplo 17, com completiva infinitiva com *ser*, que em confronto com 15 parece já permitir esse tipo de interpretação:

- (17) *E rreçebuda //a// //dito// asy a dicta encanpaçã como dicto he diserõ as ditas prioresa donas e conuento que consirando ser serujço de deus e acreçentamento do proueito do dicto seu moesteyro enprazauõ nouamente como logo de feito enprazarom* [DPNRL 1483]

Mas nem em todos os casos essa leitura emerge em construções sintaticamente semelhantes, estando também condicionada pela coocorrência de outros elementos. Assim, por exemplo, em 18, apesar de termos uma completiva como complemento do verbo, a coocorrência de um modal deontico na oração principal (*deve*), a coordenação com *nembrar* e ainda a forma de presente na completiva (*he*) concorrem para uma interpretação não modal-epistémica:

(18) O Abbade sempre se deve nembrar e **consirar que** he abbade e padre [RSB]

Já em 19 é decisivo para a marcação de um valor epistémico o facto de o verbo da completiva introduzida por *consirar* (*hyria*) estar no condicional, neste caso marcando um valor de ‘não certo’, ou seja, um valor caracterizável também como epistémico:

(19) E ã esto **comsyrrarã** os nossos **que** ho gaado hyria jaa lomge, começará d’andar o mais passo **que** podiã [ZCPM]

O mesmo tipo de efeito, ou seja, como fator relevante para a interpretação de *consirar* como marcando uma expressão da avaliação subjetiva do expresso no enunciado, decorre no exemplo 20 da coocorrência do modal, aqui com valor epistémico, *poder*, também na oração completiva introduzida por *consirar*:

(20) os quaes em muy breve foram prestes pera lhe dar ajuda, se nõ fora que allgũs dos mais antigos **comsyrrarã que** podia ser azoo de saltarẽ com elles de vollta e meterẽ em perigo sua vida [ZCPM]

Outros tipos de elementos contextuais parecem também interferir na interpretação das construções com *consirar* a introduzir uma completiva, por exemplo a presença de formas que inerentemente marcam algum tipo de valorização, como é o caso de *bem* no exemplo seguinte:

(21) Ho comde, muy lledo com aquellas fustas que lhe *Deus* assy trouvera, **comsyrou que** não hera bem que ally esteuessẽ ouçiosas [ZCPM]

Em suma, se parece claro que a possibilidade de consirar marcar não um valor parafraseável por ‘pensar (em) alguma coisa / ter (alguma coisa) em conta’, mas a expressão de uma avaliação subjetiva sobre ‘alguma coisa’ emerge em construções com um complemento oracional, é também patente que essa possibilidade está ainda dependente de vários tipos de fatores contextuais, que condicionam a marcação ou não marcação de um valor caracterizável como modal-epistémico.

2.3. Entender

Construções – glosas exemplos	Número de ocorrências por século / testemunho		
	XIII	XIV	XV
Construções com valor não modal-não epistémico			
<i>entender</i> + SN – ‘perceber / compreender’	13	59	12
A ley deue seer mostrada que todo o ome o possa entender que nenguu non seya enganado <i>per</i> ella [FR]	FD 4; FR 9	PP 58; LLCP 1	RSB 5; ZCPM 7
<i>entender que</i> + completiva – ‘compreender’	6	10	9
E sse disser cousa guysada e mesurada <i>per</i> que entenda ben o alcaide que diz uerdade [FR]	CAIII 1; FG 1; DPNRL 1; FR 3	PP	DPNRL 1; ZCPM 8
<i>entender em</i> + SN – ‘pensar em / concentrar-se em’			8
Ally entenderão os nossos no rroubo do lugar, despois que vyrã que não tynhá nas casas embargo [ZCPM]			RSB 1; ZCPM 7
<i>entender em</i> + INF – ‘pensar em, concentrar-se em, tratar de’			2 ZCPM
nom entenderão em guardar ho navio das outras partes, e por ã os nossos foram <i>per</i> todo cabo demtro [ZCPM]			
<i>entender</i> (intransitivo) – ‘pensar / refletir / meditar?’			5
Des as calendas de outubro ataa o começo da coréés- ma. dela manhã atéés a segunda hora do dia. compli- da. entendã e sejam os monges en liçon [RSB]			RSB 4; ZCPM 1
Construções com valor modal-epistémico			
<i>entender</i> SN <i>por</i> + SA / SN – ‘entender-ME’	1		2
Outrosy mãdamos que o alcaide ponha prazo a ambas as partes segũdo que uir e entender por guysado [FR]	FR		DPNRL 1; RSB 1
<i>entender-se</i> SN (<i>se, quando...</i>) – ‘entender-ME’	5	c.102	2
Esto senhor do sayom & moordomo se entende se nõ acharẽ homéés bõos [CS ca 1350]	FD 2; FR – 3	CS 2; PP c. 100	DPNRL 1; RSB – 1
<i>como / onde / se melhor entender</i> – ‘entender-ME’			5
Os outros disseram que elle hordenasse como enten- desse , ca elles o aviam de seguyr [ZCPM]			RSB 1; ZCPM 4
<i>entender que / ca</i> + completiva – ‘entender-ME’	12	26	43
Non possan os forrados que forã <i>seruos</i> chamar <i>seus</i> senhores que os forraron a juizo [...] senõ demandarẽ ante ao juiz que o outorgue se entender que a deman- da e dereyta. e có razón [FD]	CAIII 3; DPNRL 1; FD 3; FR 5	DPNRL 1; PP 22; LLCP 3	DPNRL 2; RSB 4; ZCPM 37
<i>entender-se que</i> + completiva – ‘entender-ME’	1	4	
sse entende que quãto mays nobre e de mayor logar som os que a fazẽ tanto ellas mays onrra rreçebẽ [PP]	FG	CS 2; PP 2	

Construções de leitura ambígua			
<i>entender a</i> + INF – leitura ambígua: intenção ou ‘entender-ME’ no <i>qual</i> stabelecimento e ordenamento. nõ entendemos a _poér nõ ordenar cousa nehũa aspera nõ grave [RSB]	4 DPNRL 2; CAIII 2	1 DPNRL	1 RSB
<i>entender de</i> + INF – leitura ambígua: intenção ou ‘entender-ME’ e avisarão <i>muíto</i> bẽ o aduar a que emtemdiam de fazer tornada. [ZCPM]		3 DPNRL 2; LLCP 1	8 DPNRL 1; ZCPM 7
<i>entender</i> + INF – leitura ambígua: intenção ou ‘entender-ME’ <i>E</i> se vos esto bẽ nõ parece podermoeis dizer, caa sem o vosso conselho nõ emtemdo fazer nenhũa cousa. [ZCPM]			8 DPNRL 1; ZCPM 7

Tabela 3. Ocorrências de *entender*

A representação de *entender* nos testemunhos estudados é muito mais significativa do que a de *consirar*, quer em termos quantitativos, como se mostrou na tabela 1, quer em termos da diversidade de estruturas em que o verbo ocorre, como é patente confrontando as tabelas 2 e 3. Outro dado que é também evidente neste confronto é que as ocorrências de *entender*, em diferentes construções, que a meu ver permitem uma leitura modal, nos termos já recorrentemente referidos, representam no caso deste verbo a maioria (203 ocorrências), não incluindo aqui as de interpretação ambígua a que me referirei adiante (25 ocorrências), face a 124 ocorrências cuja interpretação remete para valores parafraseáveis como ‘perceber, compreender’ e ainda, em construções com a preposição *em*, ‘pensar, concentrar-se’.

Em função desta diversidade, procurei guiar-me, para a análise dos dados, de algum modo, pela etimologia. Apesar de o verbo ser geralmente descrito como podendo assumir, naturalmente, já em latim, diferentes valores em diferentes construções, poder-se-ia partir de um valor que é mais geralmente associado ao verbo e que pressupõe ‘intenção / fim’, a partir de uma derivação do significado (mais) lexical “estender em certa direcção; esticar, estender para”, para um valor de “visar a [...] pretender” (Machado 1987⁴). É este valor de intenção que, aparentemente, se atesta ainda em algumas ocorrências, embora a análise das sequências não permita perceber, de forma clara, se é este o valor marcado, ou se lhes está associado um valor modal-epistémico, mais uma vez no sentido de marcar linguisticamente uma validação, por parte do sujeito, do que é asserido, exprimindo a sua posição ou opinião. Assim, na construção *entender a* + INF, como exemplificada em 22, parece ser possível interpretar *entendendo a fazer nossa prol*, alternativamente, como ‘pretendendo / tendo como intenção fazer nossa prol’ ou ‘entendendo / considerando fazer nossa prol’.

- (22) Conhoscã todos *aqueles que* esta carta uirẽ e ouuirẽ *que* nos Juyzes e Concelho de Aurâtes de nossas liures uoontades **entendendo a fazer** nossa prol de nossos corpos e de nossa terra e de nossos aueres ficamos e outorgamos *que* façamos e refaçamos ó Muro do Castelo de Aurâtes [CAIII séc. XIII, s/d]

Este tipo de ambiguidade, pelo menos na leitura moderna das atestações de fases passadas da língua, o que não quererá necessariamente dizer que essa ambiguidade fosse efetiva na interpretação coetânea destas sequências, parece emergir sobretudo nas construções com INF, quer com a preposição *a*, como exemplificado acima, quer com a preposição *de*, quer sem preposição, como se exemplifica em 23 e 24:

- (23) cõfesamos *que* nos Recebemos de uos Martjn saluadorez Cjncoeëta libras de *dinheiros* portugéeses as quaes Lta libras a nos erõ Julgadas *per* Sentëca por Razõ de todo o noso *dereito que* nos Auyamos e **ẽtendíamos** de *dereito* **dauer** nas Erdades e ãplazamẽtos e béés mouys *que* a nos fiçarõ [DPNRL 1365]
- (24) nõ vos tomo menagem do castello nem da çidade, porque nõ soomemte aquesta mas outras, se mas *Deus* nesta parte der, **entemdo confiar** de vos. [ZCPM]

É ainda assim de notar que a construção condicional em que ocorre integrada a construção com *entender* + INF parece também interferir na sua interpretação, visto haver a marcação de um acontecimento linguístico (ainda) não realizado, porque marcado como temporalmente posterior e dependente de uma condição – *se mas Deus nesta parte der* – sem, a meu ver, permitir desambiguar o valor marcado por *entender*, como acontece também no exemplo seguinte, com *entender de* + INF e oração condicional:

- (25) Olhade *por* estes mouros que uos *querem* ganhar a espanha de *que* dizẽ *que* está forçados. e oie este dia a **entẽdẽ de** cobrar se nos nõ formos uẽcedores [LLCP]

Mais uma vez, portanto, há que reconhecer que, além da estrutura da própria construção, há diferentes fatores contextuais que interferem na sua interpretação. De notar também que em português contemporâneo só a construção *entender* + INF, que nos testemunhos aqui considerados apenas se atesta no século xv, persiste.

A construção transitiva *entender* + SN, embora com um número total de ocorrências que não é muito elevado (exceto na *Primeyra Partida*), aparece ainda assim representada de forma significativa, sobretudo se notarmos que aparece em quase todos os géneros e nos três séculos considerados, como se exemplifica em:

- (26) E senhor porque todalas cousas sun mays apostas. e se **entenden** mays aginha. por artificiozo departamento dellas party esta uossa obra en tres liuros. [FD]
- (27) Outrosi *quando* o quiseró temptar os judeos *que* lhy demandará se dariá a Cesar seu tributo e seu peyto, porque el dissesse ca non o podessẽ reprehender ca tollya *seus* dereytos aos reys e el **entendendo** os seus pensamentos maus respõdeu e disselles: [FR]
- (28) Ca ssegundo disseró os sabhõs o *que* lee as *scripturas* e nõ as **entende** semelha *que* as meos preça [PP]
- (29) dizendo cõ o *_propheta*. A nehũa cousa som tornado. *e* nõ sóõ bõo *pera* fazer cousa nehũa como a devo de *_fazer*. *e* nõ no **entendy** nõ soube nõ conhecy. *e* sóóm feyto. assi como besta sen entendimento ante ty [RSB]
- (30) bradou per tall guisa, que ho ouvio *e* **entemdeo** Affomso Minhoz, omde estava com Nuno de Goez na praya do Castellete [ZCPM]

Parece bastante claro que neste caso o valor marcado é ‘compreender, perceber’, embora com SNs muito diferenciados como complementos (incluindo SNs com referentes + humanos, em 30), o que também necessariamente interfere na interpretação, em termos mais específicos, do valor do verbo.

Nas ocorrências de *entender* SN *por* + SN (nas atestações sempre numa estrutura relativizada) constrói-se uma estrutura transitiva predicativa que aciona a possibilidade de uma leitura de *entender* como modal-epistémico:

- (31) E espeçialmente *que* por nos *e* em nossos ||nomes|| *e* do dicto nosso Moesteíro possa enprazar *e* enpraze pella Egreia de bragaa a [...] todos aquelles casaes *e* herdades *e* casas *e* vjnhas *que* ora som por enprazar ou fforem ao adiante cõ quaaesquer clausullas penas *e* códições *e* preços *e* por tempos *e* vidas *e* pensões *que* qujsser *e* **entender por** nosso proveito [DPNRL 1441]
- (32) Però se algũu pouquetinho. ditando *e* mostrando-nos. o juyzo. da boa rrazõ se seguir *e* posermos algũa cousa mays streytamente *que* **entecemos por** corregimento *e* emmenda dos vicios *e* peccados. *e* por guarda da caridade. nõ tomes logo spanto nõ pavor. [RSB]

Esta construção, que poderíamos aproximar, em termos de funcionamento, da construção transitiva predicativa *entender* SN *como* SN do português contemporâneo (veja-se o exemplo 9 do ponto 1), está, porém, muito pouco representada nos testemunhos.

No entanto, ocorre com muito mais expressiva representação uma construção que aparentemente se poderá relacionar com esta, mas que considereei separadamente, uma construção com *se* impessoal (ver, por exemplo, Duarte 2013: 446), *entender-se* SN, com complementos de vários tipos em que é explicitado algum tipo de condição ou circunstância que de algum modo define o objeto de *entender*, sendo este frequen-

temente o pronome *esto*, que retoma anaforicamente o que antes foi expresso numa dada sequência textual. Vejam-se os exemplos:

- (33)E todo esto **se** deue **entender** quando a demãda e real. [FD]
(34)*Custume he se peleiar Mouro ou Judeu cū cristááo que possam hũus outros prouar per iudeus se iudeus y esteuerẽ ou mouros se mouros hy esteuerẽ. ou cristáaos se cristáaos hy esteuerẽ. E esto se ãtende hu nõ 'stam senõ de hũa ley sóo. ca se hy de cada hũa ley esteuer per que possa séer prouado todos prouará iguالمême* [CS 1331-1347]
(35)E esto **se entende** por de fora o corpo e de dentro a alma assy *que* seiã feytos linpos nas uoontades [PP]
(36)E as ditas casas fiquẽ loguo cõ elle mesmo moesteiro *pera* o dicto *conuẽto* fazer dellas o que *lhe* bem vier e esto **se entende** se o dicto sobrado nõ for feito atee os ditos Cinco años [DPNRL 1483]

Embora a construção referida como impessoal seja geralmente descrita como tendo um sujeito com uma referência indeterminada, neste caso há claramente uma interpretação dessa referência como correspondendo ao emissor / autor do documento / texto produzido, pelo que há, em meu entender, um funcionamento em termos semânticos próximo do que se gera mais tipicamente em construções transitivas predicativas, com marcação linguisticamente expressa da validação por parte do sujeito.

No século xv atestam-se ainda algumas ocorrências de expressões do tipo *como / onde / se melhor entender*, em que o verbo marcará também o mesmo tipo de valor, vejam-se os exemplos 37 e 38:

- (37)ordene-os el doutra guisa **se** o melhor **entender**. [RSB]
(38)Eu diria que nos tomassemos conselho de viver, que cada hũ buscasse sua vida **omde melhor emtemdesse** [ZCPM]

Uma construção bastante representada no corpus é a construção em que o verbo tem um complemento oracional, *entender que / ca + completiva*. À partida, este tipo de construção tende a favorecer uma leitura epistémica que, porém, não parece gerar-se em todas as ocorrências, como foi já observado para este tipo de construções com *consirar*, nem sempre sendo fácil determinar que tipo de interpretação é gerada. Devem, portanto, entender-se os dados quantitativos do quadro como resultantes de uma tentativa de separação dos dois tipos de leituras. Assim, por exemplo, em 39, a ocorrência da construção numa oração final, com sujeito na terceira pessoa, enquanto o sujeito da completiva está na primeira pessoa, parece favorecer uma interpretação de *entender* como 'compreender / perceber / saber'. Já no exemplo 40, da mesma fonte, o emprego do condicional, na completiva, permite uma interpretação diferente,

de *entender*, parafraseável, por exemplo, por ‘achar’ em português contemporâneo, ou seja, com valor epistémico, no sentido aqui considerado.

- (39)E por todos **entenderẽ que** eu ey grã corazõ de correger. e d’ ãmendar totalas cousas *que* forẽ pera correger e *pera* entregar dei meu poder a estes sobredictos [CAIII 1273]
- (40)e eu auudo cõselo cũ *aqueles que* **entendi que** me dereytamente cõselariã. meti hy migo Steuã anes meu Chãceler [CAIII 1270]

Também confrontando 41 e 42 parece ser possível defender interpretações diferentes desta construção. No primeiro caso, a coocorrência do modal (deôntico) *dever* favorece uma leitura de ‘perceber / compreender’, ao passo que no segundo caso a interpretação parece ser diferente, parafraseável por ‘achar / pensar’.

- (41)E pois *que* o scandalo pose pãa de morte, bẽ sse deue **entender que** he pecado mortal [PP]
- (42)Mays todo esto nõ lhis ualia rem ca os cristaãos crecialhis mays *e* mais as forças. **entẽdiã que** andauã cobertos da graça da uera cruz ã *que* tragiã os olhos [LLCP]

Acrescento apenas mais dois exemplos, de testemunhos do século xv, que considerarei também corresponderem a um funcionamento de *entender* nesta construção com um valor epistémico. Em 43, o fator contextual que favorece esta leitura é a coordenação com *julgar*, enquanto em 44, o mesmo tipo de interpretação é induzido pelo uso do mais-que-perfeito simples, aqui com valor de ‘condicional’¹³:

- (43)E depoy *que* el ouvir o cõselho dos frayres. traute *e* consiire ben en seu coraçõ. *e* *aquello que* el **entender e julgar e disser que** he mays proveytoso. esso faça [RSB]
- (44)nẽ os *escrevera* se na boca de dous ou de tres achara o conhecimento destas cousas, porque **emtemdera que** o deziã por emgramdeçer seu nome *e* fama [ZCPM]

Bastante menos representada está a construção com *entender-se* com um complemento oracional (*entender-se que* + completiva), não assinalada em testemunhos do século xv, e que se exemplifica em 45, no único exemplo atestado no século xiii. Esta será pois, aparentemente, uma construção de funcionamento semelhante, em termos do valor marcado, ao da mesma construção com um complemento nominal que se exemplificou acima em 33 a 36.

13. Sobre os valores do mais-que-perfeito simples em português antigo e médio, ver, por exemplo, Brocardo (2012).

- (45) De costum'e se o mancebo desempara o amo e se uay A uiço desj **entêdesse** **que** se se uay por sa uóontade nō lj fazendo o Amo por. *que. que* llj peyte quanto fillou da soldada dubrado [FG 1280?]

Resta referir aqui as construções com *entender em*¹⁴, quer com um complemento nominal (46), quer com complemento oracional infinitivo (47), aparentemente parafraseáveis por 'pensar em / concentrar-se em'¹⁵, apenas assinaladas em testemunhos do século xv, bem como o uso intransitivo do verbo, que ocorre também apenas em testemunhos desse século (48):

- (46) Por *que* se ficassem fora do oratorio. seria pella ventura algũu tal *que* se lançaria a dormir. ou certamente. se asseçtaria fora da egreja occioso. ou britaria o senço e **entêderia en** fabulas e palavras dannosas e sem proveyto [RSB]
(47) E cada hũ **entemdeo ã guareçer** por sua parte, dos quaes em fym escaparam sete [ZCPM]
(48) caa muitas vezes os muito sesudos, pemsamdo bẽ as cousas, leixam de as fazer, de que rreçebẽ prasmo daquelles que tamto nō **entemdẽ** [ZCPM]

2.4. Síntese e discussão dos dados

A análise dos dados aqui apresentada parece apontar algumas relações entre os diferentes funcionamentos dos verbos em estudo, contrastando os valores que deles decorrem entre um funcionamento (mais) lexical e um funcionamento modal-epistémico, marcando linguisticamente uma validação subjetiva do que é expresso, e nesse sentido sendo caracterizável como (mais) gramatical, sempre, porém, considerando uma oposição não discreta entre estes dois tipos de valores.

Verifica-se uma muito mais expressiva representação de *entender* face a *considerar*, como já referido, embora, como também notei, os dados estritamente quantitativos devam ser interpretados com cautela, podendo eventualmente estar condicionados por desigualdades de representação, devidas a diferentes tipos de fatores difíceis de

14. Assinalei também duas ocorrências de *entender* com a preposição *sobre*, mas que aparentemente corresponderão ao divergente, na forma atual, *intender*. Veja-se um dos exemplos: *tanto quer dizer bispo e por que conueo que fosse Bispo tanto quer dizer come sobre entendente. E esto he por que ha d' entender sobrelos do sseu bispado en guardar as almas e ((ha)) poder sobrelos clérigos* [PP].

15. Nas ocorrências com complemento oracional introduzido pelo verbo no pretérito perfeito (como 47) poderá talvez considerar-se que a partir de 'pensar / concentrar-se em (fazer alguma coisa)', se pode inferir o valor construído contextualmente como 'tratar de / decidir (fazer alguma coisa)', como acontece também em português contemporâneo em construções (sem preposição), como *Entendi fazer isso* 'Tratei de / decidi fazer isso'.

reconstituir para o passado da língua, nos testemunhos escritos remanescentes. A relativamente pouco expressiva representação de *consirar* nos testemunhos estudados parece de algum modo contraditória com esta forma da palavra, como também já antes notei, que parece atestar uma continuidade de uso desde o latim, o que se observa pelo contraste com a forma *considerar*, que viria a substituir aquela.

Em ambos os casos – *consirar* e *entender* – torna-se patente que é sobretudo a sua ocorrência com um complemento oracional, em particular com uma completiva finita introduzida por *ca / que*, que favorece a emergência de um valor modal-epistémico no sentido aqui referido, mas isso apenas se verifica mais tardiamente (só no século XV) no caso de *consirar*. Em contraste, não encontrei nos dados expressão relevante de construções transitivas predicativas do tipo *considerar / entender* SN como SN / SA (vejam-se os exemplos do português contemporâneo 4 e 9 da secção 1) a que estão também associados estes tipos de valores (exceto duas ocorrências de *entender* SN por SN / SA)¹⁶. Haveria aqui, portanto, a evidência da relevância da ocorrência / não ocorrência das formas num dado tipo de construção para a emergência de valores caracterizáveis como (mais) gramaticais. Os dados analisados permitem assim colocar a hipótese de que foi a possibilidade de ocorrência em construções de complementação com um complemento oracional que terá funcionado como fator decisivo para a reanálise dos valores associados a estes verbos. Este fator, tendo atuado para ambos os verbos, teria determinado a sua ‘convergência’, no sentido de ambos poderem marcar, neste tipo de construção, valores (mais) gramaticais semelhantes ou próximos.

As propostas de Heine (2002) ou Diewald (2002) pretendem identificar e caracterizar diferentes tipos de ‘contextos’ em função da sua relevância como fatores para a emergência de novos valores gramaticais (Heine 2002: 84), assumindo portanto o impacto de fatores contextuais nos processos de gramaticalização (ver, entre outros, Diewald 2006: 1). Usando este tipo de propostas, poderíamos considerar que se atestam nos dados analisados, como relevantes para a possibilidade de leituras que aqui caracterizei como epistémicas, os tipos de contexto referidos como ‘bridging contexts’ (Heine 2002: 84) ou ‘critical context[s]’ (Diewald 2002: 109), e que corresponderiam, à partida, a construções com completiva (v. exemplos como 17 a 21 para *consirar* e 39 a 44 para *entender*), sendo estas aquelas em que há, pelo menos de modo mais expressivo, a possibilidade de uma leitura correspondente à inovação – a marcação de um valor (mais) gramatical – sem, no entanto, deixar de ocorrer a possibilidade, pelo menos em alguns dos exemplos assinalados, de ser marcado ainda o valor (mais) lexical associado a cada um dos verbos em estudo. A possibilidade de ambas as leituras neste tipo de construção corresponderia justamente ao que é proposto por aqueles autores para a identificação daqueles tipos de contextos.

16. Embora a não atestação, ou neste caso uma atestação numericamente pouco significativa, não possa ser liminarmente interpretada como não produtividade, em fases passadas da língua, sendo de considerar que poderíamos estar apenas perante lacunas de atestação, dado o caráter remanescente da documentação relativa a essas fases.

A análise das sequências linguísticas, porém, revelou a interferência de outros aspetos na sua interpretação, além da estrutura sintática, e que no mesmo sentido são fatores contextuais relevantes, de diferentes tipos. Assim, entre esses fatores, assinalaram-se a marcação, na oração completiva, de valores modais epistémicos (com *poder*), ou de ‘não certo’ (com condicional), ou ainda de proposições com elementos inerentemente contendo uma valorização (como ‘(não) ser bem’). Na oração principal, atua naturalmente também como fator relevante para a possibilidade de leituras epistémicas a coordenação do verbo (neste caso *entender*) com outro verbo de valor à partida já mais claramente epistémico (*julgar*). Em sentido contrário, gera-se uma incompatibilidade da leitura epistémica com a coocorrência de um modal deôntico (*dever*) na principal, ou quando o verbo *entender* está integrado numa oração final.

3. Conclusões

Nesta proposta pretendi apresentar alguns elementos para um estudo diacrónico dos verbos *considerar* e *entender*, restringindo esta contribuição à descrição de atestações recolhidas em testemunhos do português antigo e médio. Parti de um enquadramento a partir de uma breve descrição destes verbos em português europeu contemporâneo, defendendo a adequação de propostas da área de estudos da gramaticalização para sustentar a investigação sobre a emergência, em diacronia, de valores caracterizáveis como modais epistémicos (secção 1). Na descrição e análise dos dados apresentadas na secção 2, pretendi sobretudo identificar os fatores contextuais, de diferentes tipos, que condicionam a interpretação das formas, em diferentes construções, permitindo ou bloqueando a leitura modal-epistémica dos verbos em causa. Esta tarefa, como procurei também evidenciar, revela-se particularmente difícil de levar a cabo quando se trata de analisar dados, necessariamente não manipuláveis, recolhidos em fontes escritas do passado da língua, cujas condições específicas de produção e receção são em grande parte não reconstituíveis, havendo também que considerar a hipotética interferência de outros aspetos, como tradições ou convenções de uso associadas aos diferentes géneros textuais, por exemplo, aspeto que só marginalmente aqui pude considerar.

Os usos epistémicos de *entender* e, sobretudo, de *consirar* aparentam estar, no âmbito cronológico em que o estudo incidiu, comparativamente mais restringidos em relação à sincronia atual, quer no sentido em que não estão ainda expressivamente representados em construções em que ocorrem em português europeu contemporâneo (transitivas predicativas), quer porque aparentam também uma maior dependência em relação a fatores contextuais específicos que interferem na sua interpretação. Assim, tendo sido identificada a construção em que os usos epistémicos terão emergido (com complemento oracional), verifica-se que, nesta construção, nem sempre se gera

essa leitura, que depende, crucialmente, de outros fatores, como, entre outros, a marcação, na mesma construção, de outros valores modais. Estaríamos, portanto, perante uma fase ainda de certo modo incipiente do processo, o que terá naturalmente de ser aferido a partir da análise de um conjunto mais significativo de dados, alargando o âmbito cronológico do estudo.

Termino com uma breve nota sobre os caminhos a explorar no alargamento futuro da investigação. Além dos elementos linguísticos coocorrentes no eixo sintagmático, na linearidade das sequências linguísticas atestadas nos testemunhos, cujos funcionamentos e valores interferem na interpretação das formas / construções como fatores condicionantes da sua interpretação, haverá ainda que ter em conta, para uma melhor compreensão dos fenómenos de mudança, as relações com outras formas / construções em competição, que poderão constituir alternativas para a expressão de determinados valores. Haverá pois que ter em consideração não apenas os fatores que atuam ao nível de “The linear flow of speech and writing”, como ter também em conta “The alternatives available” (Traugott & Trousdale 2013: 197). Será, portanto, necessário explorar também a competição entre formas / construções funcionalmente idênticas ou próximas, aspeto a que é atribuído um papel essencial nos fenómenos linguísticos, nomeadamente de variação e mudança (ver, por exemplo, Berg 2014), gerando potencialmente, em diacronia, substituição ou diferenciação, mas também atração, com a interferência de processos analógicos (ver, por exemplo, De Smet, D’hoedt, Fonteyn & Van Goethem 2018, sobre formas em competição, ou Fischer 2008, 2013, especificamente sobre o papel da analogia nos processos de gramaticalização).

Neste trabalho estudei apenas dois dos verbos que, com funcionamentos semelhantes, mas não coincidentes, competem na expressão de valores próximos, quer em sincronia quer em diacronia. Haverá pois, naturalmente, que procurar aprofundar o estudo com a inclusão de outros verbos, como os já referidos na secção 1, *achar*, *pensar* ou *julgar*, entre outros. Mas além destes “verbos plenos de valor modal” (Oliveira & Mendes 2013: 659), também os verbos *haver* e *ter*, que mostram funcionamentos típicos de verbos (mais) gramaticalizados, competiam, no passado da língua, para a expressão destes valores, quer em estruturas introduzindo uma completiva (*haver / ter que / ca + completiva*) quer em construções transitivas predicativas (*haver SN por + SA / SN*) (Brocardo 2006). Este tipo de usos de *haver* ou *ter* é aparentemente pouco produtivo em português contemporâneo, ao contrário do que acontece com *achar*, *considerar*, *entender*, etc., cujo funcionamento com valor epistémico se atesta largamente na língua atual, pelo que será necessário explorar também dados da diacronia que permitam sustentar hipóteses sobre os efeitos, nos processos diacrónicos, da competição entre estes diferentes verbos.

Agradecimentos

Agradeço aos dois revisores anónimos os comentários e sugestões, que certamente contribuíram para melhorar o texto da minha proposta, sendo todos os erros e lacunas que persistam da minha inteira responsabilidade.

Referências bibliográficas

Testemunhos usados como fontes

- CAIII = Duarte, Luiz Fagundes. 1986. *Documentos em Português da Chancelaria de D. Afonso III (Edição)*. Lisboa: FLUL. (Dissertação de Mestrado inédita).
- CS = Rodrigues, Maria Celeste Matias. 1992. *Dos Costumes de Santarém*. Lisboa: FLUL. (Dissertação de Mestrado inédita).
- DPNRL = Martins, Ana Maria. 2001. *Documentos portugueses do Noroeste e da Região de Lisboa: Da Produção Primitiva ao Século XVI*. Lisboa: IN-CM.
- FD = Roudil, Jean. 2000. Flores de Dereyto [versão em português]. En *La Tradition d'écriture des 'Flores de Derecho'. Construction et étude*, Tome I, Vol. I. 200-297. Paris: Séminaire d'Etudes Médiévales Hispaniques de l'Université Paris 13.
- FG = Garvão, Maria Helena. 1992. *Foros de Garvão. Edição e Estudo Linguístico*. Lisboa: FLUL. (Dissertação de Mestrado inédita).
- FR = Ferreira, José de Azevedo. 1987. *Afonso X. Foro Real. Edição, Estudo Linguístico e Glossário*, vol. I. Lisboa: INIC.
- LLCP = Brocardo, Maria Teresa. 2006. *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro. Edição do fragmento manuscrito da Biblioteca da Ajuda (século XIV)*. Lisboa: IN-CM.
- PP = Ferreira, José de Azevedo. 1980. *Alphonse X. Primeyra Partida. Edition et Etude*. Braga: INIC.
- RSB = Costa, Sara Figueiredo. 2007. *A Regra de S. Bento em Português. Estudo e edição de dois manuscritos [Alc. 231]*. Lisboa: Colibri / FCSH-UNL.
- ZCPM = Brocardo, Maria Teresa. 1997. *Crónica do Conde D. Pedro de Meneses de Gomes Eanes de Zurara. Edição e estudo*. Lisboa: FCG / JNICT.

Outras fontes e recursos citados

- CETEMPúblico – *Corpus de Extractos de Textos Electrónicos MCT/Público*. <https://www.linguateca.pt/CETEMPUBLICO>
- DVPM – *Dicionário de Verbos do Português Medieval*. <http://cipm.fcsh.unl.pt>
- Houaiss, Antônio & Mauro de Salles Villar. 2009. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva / Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa.
- Machado, José Pedro. 1987⁴. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, 5 vols. Lisboa: Livros Horizonte.

Outras referências bibliográficas

- Brocardo, Maria Teresa. 2006. *Haver e ter em português medieval*. Dados de textos dos séculos XIV e XV. En *Revue de Linguistique Romane* 70, 95-122. <http://doi:10.5169/seals-400110>
- Brocardo, Maria Teresa. 2012. O 'passado do passado' – alguns dados para a história do pretérito mais-que-perfeito em português. *Verba Hispanica* 20, 33-48. <http://dx.doi.org/10.4312/vh.20.1.33-48>

- Brocardo, Maria Teresa. 2014. Gramática e texto em diacronia – *haver* (mais-que-perfeito simples) de + infinitivo em duas crónicas de Zurara. *Estudos Linguísticos / Linguistic Studies* 10, 39-47.
- Brocardo, Maria Teresa. 2017. Verbos (plenos) com valor epistémico em testemunhos portugueses do século XIII. En *GRATO 2017 – 5th International Conference on Grammar & Text*. Lisboa: NOVA FCSH. (Comunicação inédita).
- Berg, Thomas. 2014. Competition as a unifying concept for the study of language. *The Mental Lexicon* 9 (2), 338-370. <https://doi.org/10.1075/ml.9.2.08ber>
- Casseb-Galvão, Vania C. 1999. *O achar no português do Brasil: um caso de gramaticalização*. Campinas: Unicamp. (Dissertação de Mestrado). <http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/271021>
- Castro, Ivo. 1999. O Português Médio segundo Cintra (nuga bibliográfica). En Isabel Hub Faria (org.), *Lindley Cintra. Homenagem ao Homem, ao Mestre e ao Cidadão*. 367-370. Lisboa: Cosmos / FLL.
- Cornillie, Bert. 2007. The continuum between lexical and grammatical evidentiality: a functional analysis of Spanish *parecer*. *Rivista di Linguistica* 19.1, 109-128. <http://www.italian-journal-linguistics.com/wp-content/uploads/06.cornillie.pdf>
- Cornillie, Bert & Álvaro S. Octavio de Toledo y Huerta. 2015. The diachrony of subjective *amenazar* 'threaten'. On Latin-induced grammaticalization in Spanish. En Andrew D.M. Smith, Graeme Trousdale & Richard Walerit (eds.), *New Directions in Grammaticalization Research*. Amsterdam: John Benjamins, 187-208. <https://doi.org/10.1075/slcs.166.09cor>
- Cornillie, Bert & Paola Pietrandrea. 2012. Modality at work. Cognitive, interactional and textual functions of modal markers. Accepted par le *Journal of Pragmatics*. <https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-00665337>
- De Saeger, Bram. 2007. Evidencialidad y Modalidad Epistémica en los Verbos de Actitud Proposicional en Español, *Interlingüística* 17, 268-277. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2316804>
- De Smet, Hendrik, Frauke D'hoedt, Lauren Fonteyn & Kristel Van Goethem. 2018. The changing functions of competing forms. Attraction and differentiation. *Cognitive Linguistics* 29 (2), 197-234. <https://doi.org/10.1515/cog-2016-0025>
- Diewald, Gabriele. 2002. A model for relevant types of context in grammaticalization. En Ilse Wischer & Gabriele Diewald (eds.), *New Reflections on Grammaticalization*. 103-120. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins.
- Diewald, Gabriele. 2006. Context types in grammaticalization as constructions, *Constructions* SV1-9/2006. www.constructions-online.de, urn:nbn:de:0009-4-6860
- Duarte, Inês. 2013. Construções ativas, passivas, incoativas e médias. En Eduardo Buzaglo Paiva Raposo, Maria Fernanda Bacelar do Nascimento, Maria Antónia Coelho da Mota, Luisa Segura & Amália Mendes (coord.), *Gramática do Português*, vol. I. 429-458. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Enfield, Nick J. 2006. Heterosemy and the grammar-lexicon trade-off. En Felix Ameka, Alan Dench & Nick Evans (eds.), *Catching Language*. 297-320. Berlin: De Gruyter Mouton.
- Fischer, Olga. 2008. On analogy as a motivation for grammaticalization, *Studies in Language* 32 (2), 336-382. <https://doi.org/10.1075/sl.32.2.04fis>
- Fischer, Olga. 2013. An inquiry into unidirectionality as a foundational element of grammaticalization: on the role played by analogy and the synchronic grammar system in processes of language change, *Studies in Language* 37 (3), 515-533. <https://doi.org/10.1075/sl.37.3.03fis>

- Freitag, Raquel Meister Ko. 2003. *Gramaticalização e variação de acho (que) e parece (que) na fala de Florianópolis*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. (Dissertação de Mestrado). <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/85498>
- Heine, Bernd. 2002. On the role of context in grammaticalization. En Ilse Wischer & Gabriele Diewald (eds.), *New Reflections on Grammaticalization*. 83-101. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins.
- Heine, Bernd. 2003. Grammaticalization. En Brian Joseph & Richard D. Janda (eds.), *The Handbook of Historical Linguistics*. 575-601. Cambridge USA / Oxford UK: Blackwell.
- Heine, Bernd & Tania Kuteva. 2002. *World Lexicon of Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Hopper, Paul J. & Elizabeth Closs Traugott. 2003². *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Lehmann, Christian. 2005. Theory and Method in Grammaticalization. *Zeitschrift für Germanistische Linguistik* 32/2, 152-187.
- Noonan, Michael 2007². Complementation. En Timothy Shopen (ed.), *Language typology and syntactic description*, vol. II, *Complex constructions*. 52-150. Cambridge: Cambridge University Press. <http://crossasia-repository.ub.uni-heidelberg.de/206/>; doi: 10.11588/xarep.00000206
- Oliveira, Fátima & Amália Mendes. 2013. Modalidade. En Eduardo Buzaglo Paiva Raposo, Maria Fernanda Bacelar do Nascimento, Maria Antónia Coelho da Mota, Luisa Segura & Amália Mendes (coord.), *Gramática do Português*, vol. II. 623-693. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Pinto de Lima, José. 2014^{2a}. On evidential verbs in German and Portuguese: The grammaticalization of *scheinen* and *parecer*. En José Pinto de Lima, *Studies on Grammaticalization and Lexicalization*. 117-124. Muenchen: Lincom.
- Pinto de Lima, José. 2014^{2b}. Sobre a gramaticalização de al. *droben* e pt. *Ameaçar*. En José Pinto de Lima, *Studies on Grammaticalization and Lexicalization*. 125-137. Muenchen: Lincom.
- Pinto de Lima, José. 2014^{2c}. Speech act verbs and the coding of evidentiality in Portuguese. En José Pinto de Lima. *Studies on Grammaticalization and Lexicalization*. 139-160. Muenchen: Lincom.
- Raposo, Eduardo Buzaglo Paiva Raposo. 2013. Orações predicativas e predicções secundárias. En Eduardo Buzaglo Paiva Raposo, Maria Fernanda Bacelar do Nascimento, Maria Antónia Coelho da Mota, Luisa Segura & Amália Mendes (coord.), *Gramática do Português*, vol. II. 1285-1356. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Santos, Gabriela Loureiro dos, Ludmila Fonseca & Meiriele da Cruz Pereira. 2013. A gramaticalização do verbo *achar* no português do Brasil sob um ponto de vista diacrónico. *ReVeLe* 5, 1-17. <http://dx.doi.org/10.17851/2317-4242.5.0.97-113>
- Smirnova, Elena. 2012. On some Problematic Aspects of Subjectification. *Language Dynamics and Change* 2, 34-58. <https://doi.org/10.1163/221058212X653076>
- Squartini, Mario. 2007. Investigating a grammatical category and its lexical correlates. *Italian Journal of Linguistics*, 19.1, 1-6. http://www.italian-journal-linguistics.com/wp-content/uploads/01_squartini.pdf
- Traugott, Elizabeth Closs. 1989. On the Rise of Epistemic Meanings in English: An Example of Subjectification in Semantic Change. *Language* 65 (1), 31-55. <http://www.jstor.org/stable/414841>

- Traugott, Elizabeth Closs. 2003. Constructions in Grammaticalization. En Brian Joseph & Richard D. Janda (eds.), *The Handbook of Historical Linguistics*. 624-647. Cambridge USA / Oxford UK: Blackwell.
- Traugott, Elizabeth Closs & Graeme Trousdale. 2013. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press.
- Votre, Sebastião Josué. 2004. Integração sintática e semântica na complementação verbal. En Sebastião Josué Votre, Maria Maura Cezario & Mário Martelotta (eds.), *Gramaticalização*. 11-49. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras UFRJ.
- Ziegeler, Debra. 2011. The grammaticalization of modality. En Heiko Narrog & Bernd Heine (eds.), *The Oxford Handbook of Grammaticalization*. 595-604. Oxford: Oxford University Press.